



A PRODUÇÃO INTELECTUAL DAS MÉDICAS FORMADAS NA BAHIA: O FEMINISMO NA TESE DE ITALA DE OLIVEIRA¹

Iole Macedo Vanin²

No intuito de contribuir com a construção de uma história das mulheres baianas nas ciências a partir da análise da presença feminina nos cursos superiores da Faculdade de Medicina da Bahia, realizamos a pesquisa: "As damas de branco: médicas, farmacêuticas e odontólogas na Faculdade de Medicina da Bahia (1879-1949)". Verificou-se que a referida participação foi marcada pela ideologia patriarcal uma vez que linhas de atuação desta última - a regulação do tempo e do espaço, além da vigilância (PALMEIRO, 2001, p. 51-2) - se fizeram presentes constantemente em relação às ações e comportamentos das mulheres que freqüentaram o cotidiano da instituição. Em outras palavras, elas tinham o cuidado de não chamarem atenção para si ou mesmo evitar confrontos; se comportavam e agiam sempre de acordo com o esperado de uma "moça de família"; além da presença de familiares e conhecidos que estavam sempre ao lado delas com o intuito de protegê-las durante o período de cursos. (VANIN, 2008)

Foi ainda verificado que o aumento da presença das mulheres ocorreu a partir da década de 1920. E foi o meu olhar "gendrado" e "feminista" o qual me levou a buscar explicações tanto para os índices de crescimento e de concentração nas áreas de farmácia e odontologia, como para indicativo da existência de segregação territorial³ (VANIN, 2010a). Por conseguinte, foi também este mesmo olhar que, ao se deter especificamente na análise do curso de medicina, revelou a existência da segregação territorial no interior da área em questão. As médicas se direcionaram para especializações relacionadas à maternidade e a infância, fato evidenciado tanto na atuação profissional, como na própria produção intelectual, a exemplo das teses de doutoramento.

Das 22 (vinte e duas) teses de doutoramento (SILVA, 1954, p. 215-218) primeira produção intelectual das médicas, com as raras exceções, que versavam sobre as áreas de especialização que

¹ Este *paper* é um dos frutos da pesquisa "Feminismo e Biomedicina na Bahia (1879-1949): a produção intelectual das médicas", que conta com o apoio institucional do CNPq.

² Mestre e doutora em História. Professora da Universidade Federal da Bahia, pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/NEIM.

³ Conceito desenvolvido por estudiosas feministas da área "feminismo, gênero e ciência" para analisar e explicar a participação feminina nas instituições científica. Dentre estas estudiosas destaca-se Schiebinger (2001) que, baseando-se em Rossiter, define *segregação territorial* da seguinte forma: "O primeiro ela denominou segregação hierárquica, o conhecido fenômeno pelo qual, conforme se sobe a escada do poder e prestígio, cada vez menos rostos femininos são vistos. (...) Rossiter discutiu também "segregação territorial" ou como as mulheres se agrupam em disciplinas científicas." (SCHIEBINGER, 2001, p. 76-77)



desejavam seguir, foram encontradas no Arquivo de Medicina da Bahia um conjunto de 13 (treze), as quais em sua maioria podem ser classificadas como pertencentes à área da medicina da mulher. As que fogem a essa regra, no entanto, articulam a temática trabalhada com o tido “universo feminino”. Destaco que a produção intelectual e científica destas mulheres ainda não foi analisada, fator que gera lacunas na historiografia baiana da ciência.

Desta sorte, no presente *paper*, ao pretender continuar contribuindo para as discussões sobre feminismo e história da ciência, visibilizando não só a participação das mulheres nas instituições científicas e de formação superior, mas também a sua produção científica e intelectual, me proponho a apresentar as primeiras reflexões sobre “feminismo” apresentadas na tese "**Da Sexualidade e da Educação Sexual**". O debruçar sobre a tese da feminista sergipana Ítala da Silva Oliveira nos auxilia na compreensão do contexto e das discussões acerca da sexualidade feminina no Nordeste, especialmente na Bahia das décadas iniciais do século vinte, e suas articulações com o cenário nacional. E para além deste fato, nos permite problematizar os limites permitidos aos indivíduos que ousavam questionar as estruturas e hierarquias existentes.

Ítala da Silva Oliveira professora que atuava em Aracaju nas primeiras décadas do século XX, em defesa dos direitos das mulheres, formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia em 1927, após ter o título de parteira em 1922. A tese que ela apresenta e defende não estava desvinculada da sua condição de feminista, tanto que dedica capítulo específico para defender o feminismo, demonstrando que o mesmo não representava perigo de desestruturar a sociedade, ao contrário: era uma ferramenta útil para o desenvolvimento da nação e fortalecimento da família.

A luta das mulheres em prol dos seus direitos políticos e civis não foi tema exclusivo da tese da médica, pois segundo ela foi um tema discutido em sala de aula por alguns catedráticos:

Ainda em curso deste ano letivo, os provector cathedraicos de M. Legal e Hygiene, respectivamente, drs. Estacio de Luna e J. de Aguiar Costa Pinho, com a equidade de espíritos rectos e insuspeitos abordaram o problema feminista. Identicas foram as opiniões apoiando ambas as justas aspirações da mulher ao trabalho a uma vida útil. Ambos reconhecem que só o catameio, a gravidês e parto as collocam num estado de inferioridade relativa, convindo protegê-las nessas épocas, para prevenir e favorecer gestações physiologicas e partos eutocicos. E como não ser assim si, o primeiro dos dois, moço, sente o entusiasmo pelos idéaes alevantados e si o segundo apreciou de perto, na grande pátria do feminismo que é os E. Unidos, o quanto vale a cooperação da mulher? (OLIVEIRA, 1927, p. 167.)

Apesar de, no seu relato, infelizmente, a médica não detalhar o teor destas discussões e nem os motivos que as teriam ocasionado, explicita que a discussão e defesa que faz da educação sexual em sua tese encontram-se vinculados à sua experiência, possivelmente enquanto parteira.

E, depois, essa Mestra rude que é a vida fez-me ver, em derredor, casos que solicitavam minha atenção, lagrimas a exorarem o consolo de uma palavra minha e tudo porque, aos que tanto padeciam, fallecia uma orientação e o sentimento da vida sexual. A theoria das lições ouvidas se vinha juntar a prática da vida vivida



em condições dolorosas e bem estranhas, não raro, e vi como eram razoáveis em suas ponderações os meus Mestres. (OLIVEIRA, 1927, p. [8])

Relacionado à escolha do tema encontra-se também o feminismo, uma vez que, segundo a autora, os avanços do feminismo demandavam a inclusão do ensino da educação sexual nos currículos, pois as conquistas femininas, principalmente no mercado de trabalho, colocavam as mulheres em contato permanente com homens tornando necessária uma formação “sem falso e nem mal entendido pudor”.

As conquistas sempre crescentes do feminismo, o contacto permanente e continuo dos dois sexos, no labor diuturno, nas fabricas como nas officinas, nos laboratórios como nas escolas superiores, nas industrias assim como no commercio, estão a pedir nos programmas de ensino, ao lado da educação physica, da moral e da intellectual, um logar para a educação sexual. (OLIVEIRA, 1927, p. [8])

Ítala não foi a única que destacou o feminismo como causa principal para a presença feminina nos espaços públicos. Essa associação foi feita, por exemplo, por Maria Luiza Bittencourt, feminista baiana, advogada, quando em 1931 apresenta a Federação Baiana Pelo Progresso Feminino para a sociedade soteropolitana. Evidente que é uma fala apaixonada, de uma militante, apesar de solicitar de seus leitores que “não vejaes nisto exaggeração partidária” (BITTENCOURT, 26/3/1931, p. 2), que no afã de ter as suas idéias ouvidas e, quiçá, aceitas, atribuiu a estas a crescente presença da participação feminina em variadas atividades econômicas, desenvolvidas no espaço soteropolitano.

É bem verdade que a outro despreocupado visitante, oriundo de um grande centro como o Rio, onde corriqueiro, encontradiço é o trabalho feminino, a impressão que nos causou a mulher bahiana se traduzira pela aceitação natural do facto a que se habituara. Mas, para nós, que já vivemos, assistindo, compreendendo, participando da luta surda que a este resultado procede – da necessidade contra o preconceito, da vontade contra a opposição do ambiente, da consciência do dever contra o medo da responsabilidade, à acção da mulher no norte, onde, não ignoramos, a importância destes obstáculos infinitamente maior, exigindo somma de sacrificios, nos admira. Surpreendeu-a nossa ignorância, acompanha-a nossa sympatia, relata nossa orgulhosa satisfação. Entrei nas lojas, visitei as escolas, percorri as repartições, ingressei nas redacções, e por toda a parte incontrei, capaz, culta, respeitada, acatada a minha conterrânea, a minha irmã que trabalha, que estuda, que desempenha funcções, que escreve. Procurei ouvir os que a cercavam, e soube do respeito e da consideração que lhe votam. Procurei ouvi-la e surpreendi a história milagre da sua vontade, inteligente, aproveitada, apta. Por isso aceitei satisfeita a missão honrada de convidal-as para que se reunissem num centro onde promovessem a defesa do seu direito, a propagação das suas idéias. (BITTECOURT, 26/03/1931, p.2)

Destaco que o cenário descrito por Maria Luiza Bittercourt não era exclusivo de Salvador. O contexto econômico vivenciado pelas famílias de classe média e, também, de classe alta em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, no período em questão, para manterem os padrões de vida a que estavam acostumadas, foi pontuado tanto por Besse (1999, p.143-181) como por Hahner (2003, p. 183-256) e Rocha-Coutinho (1994, p. 94-95) como um dos fatores para o exercício feminino de profissões remuneradas fora do lar; pois as famílias aceitavam os rendimentos obtidos por suas mulheres, por meio de trabalho honesto, como complementares a renda familiar. Esta



questão foi pontuada, ao defender a educação profissional das mulheres, por Ítala, da seguinte maneira:

E a solteira, a viúva ou a casada que as circunstâncias da vida obrigam a concorrer para as despesas do lar, por meio de uma profissão qualquer, não se entregarão ao desespero, nem mendigarão protecções humilhantes, não aceitarão piedades revoltantes, saberão empregar sua instrução de um modo lucrativo. (OLIVEIRA, 1927, p. 169)

Voltando à fala de Maria Luiza Bittencourt. A feminista baiana entusiasmada como “a invasão victoriosa da mulher em todos os campos de actividade” (BITTENCOURT, 26/3/1931, p.2), afirmou que tal fato era reflexo do desenvolvimento das idéias feministas que já existiam na capital baiana. Concordo com essa afirmação. Idéias feministas já estavam em atuação em Salvador desde a segunda metade do século XIX e tiveram um reforço a partir das primeiras décadas do XX como demonstram os artigos de Francisca Prager Fróes⁴ e até mesmo aqueles que, por serem contrários a essas idéias, negam a existência das reivindicações pelos direitos políticos. Por ocasião da apresentação do projeto do deputado Mauricio Lacerda que previa o voto feminino, o **Jornal A Tarde**, diante dos constantes artigos, fruto de enquetes feitas de janeiro a julho de 1917 aos seus leitores (as), chegou à conclusão, ao encerrar o plebiscito, de que na Bahia não havia adeptos ao feminismo. Vejamos em que o periódico baseou-se para fazer tal afirmação:

É o que se pode concluir, computadas as opiniões que a “A Tarde” tem recebido a propósito do projeto Mauricio de Lacerda, concedendo o direito de voto às mulheres brasileiras. De todos os ângulos do Estado, mãos mimosas de gentis patricias tiveram a gentileza de traçar o seu voto para o plebiscito desta folha, que, infelizmente, devido à angustia de espaço não pode a todos registrar. (O PLEBISCITO..., 20/07/1917, p.3)

As cartas das leitoras se posicionando acerca do referido projeto foram os dados que levaram à conclusão do periódico baiano. Havia resistências ao exercício de atividades e funções femininas que não fossem as de esposa e mãe, mas não podemos ignorar que a exposição pública desses posicionamentos ocorre pela existência do fato de que novas idéias acerca dos papéis e atividades femininas estavam em circulação e que as ações resultantes dessas não eram tão invisíveis. Negá-las, então, pode ser compreendido como uma ação feita no intuito de neutralizá-las, ou ainda, de chamar atenção para elas. Qual das duas alternativas corresponde ao objetivo do periódico em ter feito esta chamada para o artigo onde divulgaria a última das respostas ao seu plebiscito e que o encerraria não me é possível afirmar. Fica, no entanto, a questão para reflexão e posteriores posicionamentos, assim como permanece a certeza de que táticas foram empreendidas para burlar essas resistências. E a tese de Ítala pode ser classificada como uma dessas táticas

⁴ Sobre a médica feminista baiana Francisca Fraga Fróes, recomenda-se a leitura de Elisabeth Juliska Rago (2005a, 2005b).



utilizadas para combater as críticas, as resistências ao feminismo. Assim sendo, uma das primeiras coisas feitas pela médica sergipana logo na introdução, é destacar que:

O feminismo tem que ser a concorrência (sic) leal e honesta na lucta pela vida e não o afan de trabalhar ao lado do homem, numa intenção calculada e mensurada de despertar-lhe na carne, já de si solicitada por mil fontes de excitação, o aguilhão forte e poderoso do sensualismo, a cada momento mais vivo ante os detestáveis artifícios que a moda cria e o cérebro oco e como que vasio de tantas creaturas fúteis, acarícia e amima. Muito menos o feminismo há de ser a ânsia da mulher em querer supplantar o homem substituído-o, lá fora, no turbilhão da vida. (OLIVEIRA, 1927, p. [8-9])

Nas entrelinhas da fala de Ítala percebe-se uma crítica à melindrosa⁵. Para a autora os comportamentos e ações desta faziam com que a mulher civilizada continuasse a ter características em comum com a “selvagem”: “A situação da mulher civilizada, escrava de modas e artifícios, é deplorável. (...). A mulher moderna distanciada do selvagem por millenios de civilização inda o imita nas tatuagens do corpo, nas pinturas, nos enfeites, nas superstições de que a sua vida é repleta.” (OLIVEIRA, 1927, p. 169-170)

A idéia de que é preciso para a evolução da humanidade, onde o “branco é superior ao selvagem” (OLIVEIRA, 1927, p. 169), que o papel da mulher “não pode ser inferior nem mesmo igual ao do sexo feminino nas espécies inferiores” (OLIVEIRA, 1927, p. 165), torna-se fundamental na defesa que a médica sergipana faz da utilidade do feminismo para o desenvolvimento da nação, da família e da raça. Desta sorte, em “A Questão Feminista”, título do capítulo da tese onde ela se dedica a discutir o feminismo, é iniciado com a seguinte pergunta: “Mas, o feminismo, esta orientação nova das tendências e aptidões da mulher ao trabalho, à vida activa, à lucta, é um bem ou mal para a espécie?” (OLIVEIRA, 1927, p. 159). Logo, após lançar a pergunta que tentará responder ao longo do capítulo, a autora traz outro questionamento: “Culta, educada, concorrendo honestamente ao trabalho para a sua manutenção, porque a vida se torna cada dia mais complexa, a mulher lucra, beneficia á humanidade?” (OLIVEIRA, 1927, p. 159). Nota-se nestas duas perguntas, que a resposta que Ítala irá construir será fruto de uma articulação entre eugenia⁶ e feminismo. O segundo é importante ferramenta para o sucesso das finalidades do primeiro. Nas palavras da autora:

Tentemos responder, baseando nossa maneira de pensar nos raciocínios insuspeitos de A. Forel e Livio de Castro. A preocupação excelle da humanidade á hora que deriva é a selecção eugênica da espécie humana, o que importa dizer, o augmento de indivíduos sadios, bons e uteis e a conseqüente diminuição dos incapazes. (...). Ora, só uma instrução largamente espalhada preparará terreno para tanto. (OLIVEIRA, 1927, p. 160).

A instrução é chave, mas ela não se refere a esta de forma geral e sim a necessidade de educação intelectual feminina, uma das principais demandas do feminismo da época, pois para o

⁵ Sobre a figura da melindrosa recomenda-se a leitura de Margareth Rago (1991).

⁶ Sobre eugenia recomenda-se a leitura de Diwan (2007) e Maciel (1999).



desenvolvimento da espécie além da evolução mental do homem é essencial a “da sua equivalente biológica – a mulher”. (OLIVEIRA, 1927, p. 161). Uma vez que,

As mulheres inteligentes e superiores serão, e já isso se observa hoje, as que entrarão na liça, mais energicamente, e com maior probabilidade de êxito, para a selecção eugênica, proquanto ellas se deixarão attrahir mais facilmente pela superioridade intellectual ou moral do homem e mesmo pelo gênio do que por outras qualidades. (...). (OLIVEIRA, 1927, p. 163)

Ou ainda,

Neste esforço e nesse trabalho [de educar-se], casada, ella comprehenderá as alegrias felizes e sadias de maternidades physiologicas, não se furtará ao destino natural da mulher, trabalhando sã e alegremente ao lado do homem, será sua collaboradora de corpo e de espírito, procurando filhos fortes, robustos, sadios. (OLIVEIRA, 1927, p. 168)

Em “A questão feminista” além de se dedicar a mostrar a importância do acesso das mulheres à educação, sobretudo a superior, Ítala irá rebater as teses “anti-feministas” afirmando que “a educação intellectual [feminina] não é incompatível com a belleza e encanto, gracilidade e distincção” (OLIVEIRA, 1927, p. 161). Deve-se destacar que rebater as teses anti-feministas – e demonstrar “a preocupação do feminismo educar a mulher para ser mulher, esposa excellente, mãe de família exemplar, honesta trabalhadeira” (OLIVEIRA, 1927, p. 168) – , não foi uma ação de exclusiva de Ítala, haja visto se considerar que as idéias feministas já se encontravam em circulação a partir da segunda metade dos oitocentos, ganhando força nas primeiras décadas do vinte com a existência de grupos organizados que tinham como bandeira de luta os direitos civis das mulheres. O mesmo se pode afirmar sobre as reações a estas idéias e grupos por parte de alguns intelectuais e profissionais, cujos discursos utilizados não apresentam grandes variações durante o período mencionado.

Assim, em resposta as afirmações feitas pelos “anti-feministas” procurou-se criar novos matizes no delineamento das imagens femininas de forma a lhe possibilitar o exercício de atividades e funções negadas socialmente, sem colocar em “xeque” os papéis tradicionais femininos (ser mãe e esposa). Pelo contrário, os utilizavam como justificativa para os novos perfis que começavam a desenhar. Pode-se citar com exemplo a conclusão do artigo “O feminismo na Bahia”, escrito por Maria Luiza Doria Bittencourt e publicado no **Jornal Diário de Notícias**, para apresentar a Federação Baiana pelo Progresso Feminino e a União Universitária Feminina, onde ela garante que as ações da federação não serão “maléficas” para as características femininas:

Vede, pois, meus conterrâneos, que as filias bahianas destas associações em nada modificarão a acção útil até aqui, vem desenvolvendo em nossa terra a mulher; ella continuará a que conheceis: caridosa, trabalhadora, amiga da paz e do lar, apenas esclarecida, agindo sob a orientação commum, a que seguem suas irmãs do sul, pelo progresso da pátria e bem da humanidade. (BITTENCOURT, 26/3/1931).



Desta sorte, no embate entre “feministas” e “antifeministas” nota-se o conflito de uma ou mais representações para prevalecerem em detrimento de outra(s). É o jogo feito com o intuito de conseguir ou manter o poder, para ocupar posições estratégicas ou hegemônicas em relação a outras que lhes são antagônicas, procurando, assim, garantir os interesses do grupo à que estão vinculadas. Nas palavras de Roger Chartier (1990, p. 17):

...sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

Interessante notar que as representações defendidas nos dois grupos têm como suporte a função e papel feminino de mãe e esposa, definidas como pilares da família e da sociedade. Os “anti-feministas”, ao contrário das “feministas”, tentavam convencer que a mulher ao assumir funções tradicionais masculinas, a exemplo das profissões médicas e jurídicas, seria uma figura que traria ou desenvolveria características impróprias e incompatíveis com a função primeira da mulher: a maternidade; uma vez que estas mulheres tornar-se-iam frias, mundanas, imorais, além de irem de encontro ao estabelecido pela natureza.

Fazendo parte do jogo na defesa do feminismo Ítala responde, por meio da sua tese, a estas críticas, afirmando que aquele não queria transformar as mulheres em homens, nem evitar que elas concretizassem a sua finalidade natural – a maternidade –, ou diminuir a fecundidade ou, ainda, dissolver a família. Assim,

O feminismo, que aliás há sido muito mal compreendido e interpretado, mesmo pelas próprias mulheres, não quer transformá-las em homens, quer tão somente lhes dar ‘seus direitos humanos, tornando sua posição independente, com direitos, deveres e responsabilidades, correspondentes às suas atribuições normais na sociedade’. (Forel). (OLIVEIRA, 1927, p.166)

Saliento que se uma das estratégias feministas para divulgar as suas idéias, combatendo os seus opositores, foi a escrita de artigos em periódicos diários, Ítala utilizou-se da sua tese para tanto. Deste modo, e a partir deste fato, posso afirmar que a tese “**Da sexualidade e da Educação Sexual**” foi uma maneira encontrada pela futura médica para discutir as suas idéias políticas em relação à situação das mulheres, fator que esteve presente em toda a sua trajetória até aquele momento. Freitas (2003) ao estudar o caso da sergipana revela que após a defesa da sua tese, essa médica que tinha uma vasta atuação em Sergipe, como professora e feminista, publicando constantemente nos periódicos sergipanos e de outros estados, sobre a questão feminina e a educação de forma geral, deixou de publicar e de ter uma vida política ativa. Não voltou a Sergipe, como aconteceu em 1922 após a sua formatura em parteira, e nem permaneceu em Salvador, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a clinicar.



Professora, médica, jornalista, escritora, empenhada na luta da emancipação feminina, através da educação e do exercício profissional, a trajetória de Ítala se aproxima muito da experiência de vida de Maria Rita, principalmente porque ambas deixaram Sergipe, quando estavam em pleno desenvolvimento de suas carreiras profissionais e foram presenças marcantes na imprensa local. Não foram encontrados indícios que Ítala teria exercido a medicina em Sergipe. Segundo o depoimento de parentes e de uma amiga, logo depois da formatura ela foi para o Rio de Janeiro. Trabalhou durante muitas décadas na Penha, se dividindo entre o posto de saúde e seu consultório particular no mesmo bairro. Durante muitos anos morou em uma pensão localizada no Bairro Botafogo. A atividade de colaboradora em jornais e revistas parece ter ficado restrita ao período em que morou em Aracaju e Salvador. A dedicação ao exercício da medicina pode ter dificultado esta prática. (FREITAS, 2003, p. 155)

Fica o questionamento acerca do que causou o “abandono” da atividade política e feminista por Ítala da Silva Oliveira? Isto no, entanto, é outra discussão que, apesar de importante, foge ao escopo deste *paper*.⁷

FONTES:

OLIVEIRA, Ítala Silva de. **Da Sexualidade e da Educação Sexual**. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1927. [Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia. Cx.: Teses]

BITTENCOURT, Maria Luiza. O feminismo na Bahia. **Jornal Diário de Notícias**. Salvador, 26 de março de 1931. [Acervo da pesquisa "Remando contra a corrente: feminismo na Bahia (1910/1949)"⁸].

O PLEBISCITO - voto feminino. **Jornal A Tarde**. Salvador, 10 de julho de 1917. [Acervo da pesquisa "Remando contra a corrente: feminismo na Bahia (1910/1949)].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BESSE, S.K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (194-1940). São Paulo: Edusp, 1999.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre representações e práticas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DIWAN, P. **Raça Pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAS, A. G. B. de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas do início do século XX. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003. (tese)

HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino**: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Mulheres, 2003.

⁷ Realizei discussão sobre o “ostracismo” de Itala após a defesa da tese em trabalho específico: “Feminismo, Eugenia e Educação Sexual: a tese de Itala da Silva” (VANIN, 2010b).

⁸ A pesquisa “Remando contra a corrente: feminismo na Bahia (1910/1949)” foi desenvolvida pela profa. Dra. Ana Alice Costa, a quem agradeço o acesso ilimitado ao banco de dados da referida pesquisa.



MACIEL, M.E. de S. A eugenia no Brasil. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, n. 11, julho/1999.

PALMERO, M. J. G. **Teoria feminista contemporânea**: una aproximación desde la ética. Madrid: Complutense, 2001.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).

RAGO, E. J. **Feminismo e Medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, 2005a. (tese)

_____. Francisca Prager Fróes e a Igualdade dos Sexos. **Labrys – Estudos Feministas**. Brasília, n. 8, ago./dez. 2005b. Disponível em [<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8>]. Acessado em: 26.07.2007.

ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Coleção Gênero Plural).

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, A. **A primeira médica do Brasil**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1954.

VANIN, I.M. **As damas de branco na biomedicina baiana (1879-1949)**: médicas, farmacêuticas e odontólogas. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Programa de Pós-Graduação em História, 2008. (Tese)

_____. A participação feminina nos cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia na Bahia. **Historien Revista de História**, v. 2, p. 36-59, 2010a.

_____. “Feminismo, Eugenia e Educação Sexual: a tese de Ítala da Silva Oliveira”, 2010b (no prelo).